

Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística

A character in search of literature: Literary fiction and tourism

Sílvia Quinteiro

Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Faro, Portugal
smoreno@ualg.pt

Rita Baleiro

Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Faro, Portugal
rbaleiro@ualg.pt

Resumo

Neste artigo, pretendemos explorar a interseção entre literatura e turismo. Num primeiro momento, esclarecemos a pertinência deste recente campo de investigação interdisciplinar – literatura e turismo – no qual se mesclam os estudos literários e os estudos em turismo, e estabelecemos a distinção entre esta pesquisa e aquela relativa à “literatura de viagens”. Num segundo momento, focamo-nos na oposição viajante/turista, bem como observamos alguns dos principais conceitos associados a esta área de investigação: lugar literário, turista literário, peregrino literário e autenticidade. Por fim, oferecemos uma leitura do romance *Dublinesca*, de Enrique Vila-Matas (2010), resultante de uma aproximação a este texto mediada pela perspectiva dos estudos em literatura e turismo.

Palavras-chave: turismo e literatura; literatura de turismo; *Dublinesca*; turista literário; peregrino literário.

Abstract

This paper aims at exploring the interrelation between literature and tourism. At first, we start by explaining the relevance of the emerging field of interdisciplinary research – literature and tourism –, which combines literary studies and studies in tourism, and by drawing a distinction between this line of research and that on ‘travel literature’. Secondly, we focus on the opposition traveller/tourist, as well as on some of the key concepts in this area of research: literary site, literary tourist, literary pilgrim and authenticity. Finally, we analyse the novel *Dublinesca*, by Enrique Vila-Matas (2010), within the studies in literature and tourism.

Keywords: tourism and literature; tourist literature; *Dublinesca*; literary tourist; literary pilgrim.

1. Introdução

Podemos afirmar que a prática de turismo literário tem, pelo menos, 400 anos, se considerarmos que já no século XVII, os jovens aristocratas europeus viajavam por países como a França e a Itália, também, com o objetivo de visitar as casas e/ou as sepulturas dos autores, motivados por uma vontade de se aproximarem dos escritores que admiravam. Não obstante a longevidade destas práticas, a linha de investigação multidisciplinar em turismo e literatura é muito recente. De facto, só a partir da penúltima década do século XX, com Richard Butler (1986), surgiram os primeiros estudos académicos sobre este nicho de turismo no qual se alia a literatura à experiência turística. Sendo, porém, apenas no século XXI que se regista um aumento do interesse dos investigadores pela interseção entre turismo e literatura (ver, por exemplo, Busby e Hambly, 2000; Herbert, 2001; Robinson e Andersen, 2002). Este aumento do número de investigações terá resultado da constatação de que o turismo literário é economicamente vantajoso (Watson, 2006). No entanto, mesmo após esta viragem, esta linha de investigação ainda surpreende pela novidade os mais desatentos, principalmente por ser ainda reduzido o número de estudos realizados.

Quando se pensa numa investigação na qual se articulam as áreas da literatura e do turismo, a associação à “literatura de viagens” é quase imediata e, aparentemente, óbvia. Em larga medida, porque em ambos os casos, a viagem ou o ato de viajar são, indubitavelmente, o elemento central a partir do qual se exploram temas e imagens. No entanto, há diferenças entre estas duas aproximações ao texto literário. Caso contrário, como se justificaria a existência da nova linha de investigação interdisciplinar designada por “literatura e turismo”? Neste artigo, damos resposta a esta questão, bem como distinguimos, o mais claramente possível, entre “literatura de viagens” e “literatura de turismo”. Começando por nos dedicarmos a esclarecer qual o espaço, ênfase e objetos de investigação de cada uma destas áreas, focamo-nos, de seguida, na apresentação dos conceitos que, frequentemente, são convocados na pesquisa em literatura e turismo. Referimo-nos às conceções de lugar literário, turista literário, peregrino literário, autenticidade e simulacro. Na parte final deste artigo, analisamos a obra *Dublinesca*, de Enrique Vila-Matas (2010): um exemplo paradigmático do tipo de texto literário cujas particularidades permitem que seja

estudado a partir do prisma de uma investigação sobre a inter-relação entre literatura e turismo.

2. Literatura e turismo, “literatura de viagens” e “literatura de turismo”

Num primeiro passo, para distinguir “literatura de viagens” de “literatura de turismo”, recordamos que a primeira designação corresponde a uma classificação do texto literário e a segunda, a uma abordagem interdisciplinar na qual apenas alguns textos de literatura de viagens são objeto de estudo, ou seja, o foco não se limita aos textos agrupados sob a designação de “literatura de viagens”, embora possa incluí-los, como veremos adiante.

Num segundo passo, invocamos Harald Hendrix (2014: 22), por ter sido este autor o pioneiro a nomear o conjunto de textos analisados nas investigações em “literatura e turismo”. Referimo-nos à designação “tourist literature” que, numa transposição para a língua portuguesa, poderemos traduzir por “literatura de turismo”, uma vez que “literatura de turista” poderia, no nosso ponto de vista, apontar erroneamente para os textos utilizados pelos turistas, *i.e.*, guias de viagens (um tipo de texto informativo e promocional que não se inclui na ficção literária).

Na nossa opinião, a criação de Hendrix (2014) tem o poder de, não só, reconhecer a existência da “literatura de turismo”, como de firmar a distinção entre esta última e a “literatura de viagens”:

[...] cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã. (Cristovão, 2002: 35, maiúsculas no original)

No entanto, e, no nosso ponto de vista, é importante que a distinção entre “literatura de viagens” e “literatura de turismo” não seja categórica, tanto mais porque, no que respeita à classificação dos textos literários, reconhecemos a ausência

de fronteiras entre géneros – uma ausência que resulta de uma visão menos formalista desta forma de classificação –, e que parte da crença de que o género de um texto não se define pela existência de constelações comuns de características textuais, mas sim pela interação entre textos, ou seja, por diferença e contraste (Cohen, 1986: 207). Assim sendo, e tal como afirmámos acima, os textos estudados na esfera da investigação em literatura e turismo não se esgotam nos textos de literatura de viagens, mas tal não significa que alguns dos textos não pertençam a esta categoria. Afinal de contas, o próprio género¹ “literatura de viagens” é híbrido, contendo tipologias textuais diversificadas: a prosa diarística, os ensaios, a poesia, e o mesmo sucede com os textos que podem ser agrupados sob a designação de “literatura de turismo”. Não obstante os contrastes entre “literatura de viagens” e “literatura de turismo”, há, pelo menos, uma convergência: em ambos os casos, a palavra escrita é a matéria-prima, por ser esta a expressão artística que melhor permite deixar marcas visíveis das “peripécias indefinidas do viajar”, tal como refere o escritor italiano, Claudio Magris (2010 [1986]: 18).

Existem, no entanto, traços peculiares da “literatura de turismo” que permitem distingui-la, por oposição, da “literatura de viagens”. Referimo-nos ao facto de estes textos apresentarem referências explícitas a práticas turísticas e de encerrarem representações do espaço que adquirem o valor de atrações turísticas, quando percecionadas desse ângulo:

I would still be hesitant to include all travel writing within our specific field of literature and tourism. To my mind such a connection exists only in a few particular cases, where on the one hand authorship can be explicitly linked to tourist practices, and where on the other hand the literary representation of space adds to its value as a tourist attraction. (Hendrix, 2014: 22)

Por outras palavras, na categoria “literatura de turismo” incluem-se os textos literários que têm a capacidade de acrescentar valor turístico a um lugar, o que, por sua vez, origina uma qualquer prática turística. Neste sentido, poderemos classificar como “literatura de turismo” qualquer obra literária que promova o turismo literário: uma forma de turismo, cuja principal motivação para visitar determinados locais se relaciona com o interesse pela literatura, e que pode incluir a visita a casas antigas ou

¹ A propósito da questão do género veja-se Carlos Reis (2001).

atuais de autores (vivos e mortos), a locais reais e/ou míticos descritos em textos literários, e a locais associados a personagens e eventos literários (Butler, 2000: 360).

Assim, apesar de no estudo da relação entre literatura e turismo, assistirmos a uma prevalência natural de textos que pertencem à “literatura de viagens”, a “literatura de turismo” contempla um conjunto de textos mais amplo, já que ela se torna possibilidade sempre que se estabelece uma associação entre um determinado lugar e um texto literário. Efetivamente, apesar da convergência frequente entre a “literatura de viagens” e a “literatura de turismo”, há desde logo um elemento que as diferencia e que registamos aqui. Enquanto na primeira sobressai de imediato a figura do viajante, na segunda, a figura central é o turista. O que distingue, então, um viajante de um turista? A resposta a esta pergunta é fundamental para que possamos determinar o *corpus* desta área recente que promove a interseção entre literatura e turismo.

3. Viajantes, turistas, turistas literários e peregrinos literários

Apesar de a WTO (*World Tourism Organization*) (2014) oferecer apenas uma mesma definição de viagem e turismo, este último é referido como uma prática subsidiária da viagem, considerando-se que um viajante é alguém que se move entre diferentes pontos geográficos, com objetivos e durações definidas, ao passo que o turista é um tipo particular de viajante. Ou seja, todos os turistas são viajantes mas distingue-os, desde logo, o facto de o turista empreender sempre uma viagem circular, ao passo que o regresso do viajante não é inevitável. Em 1953, na crónica “Roma, turistas e viajantes”, Cecília Meireles estabelece claramente a distinção entre estas duas figuras, afirmando que o turista:

[...] é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada, expedindo muitos postais, tudo com uma agradável fluidez, sem apego nem compromisso, uma vez que já sabe, por experiência, que há sempre uma paisagem por detrás da outra, e o dia seguinte lhe dará tantas surpresas quanto a véspera. (1998-99: 101)

Já o viajante “é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspeto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente até o futuro – um futuro que ele nem conhecerá.” (*ibidem*).

Esta distinção entre turista e viajante assente nas diferentes formas de se atingir a felicidade, na velocidade com que se “consume” o destino, na busca do superficial e momentâneo por oposição à busca da origem, dos elementos que permitam fazer a ligação entre o passado, o presente e futuro para que se possa conhecer de facto o espaço visitado, é, no fundo, muito próxima da proposta de distinção feita por Jonathan Culler, em *Semiotics of Tourism* (1981: 128-129). Com efeito, também Culler distingue o turista do viajante na medida em que este último procuraria experienciar o autêntico e o primeiro o simulacro, a “encenação do autêntico”, até porque o autêntico, a seu ver, já não existe: não há descoberta, nem há risco. Segundo este autor, só é possível seguir percursos já trilhados e repetir imagens e narrativas anteriores. Logo, e como bem nota Luís Romano, o turista é um “narrador às avessas”, alguém que não tem “nenhuma sabedoria a transmitir” (2013: 44).

Ainda no mesmo sentido, encontramos a distinção entre viajante e turista apresentada por Daniel Boorstin em *The Image* (1962). O turista surge aqui como alguém em busca do prazer, passivo, aguardando apenas que coloquem todas as comodidades ao seu dispor (alguém “feliz”, nas palavras de Cecília Meireles), enquanto ao viajante se associa uma ideia de esforço, de trabalho (e, por isso, é “menos feliz”):

The traveler, then, was working at something; the tourist was a pleasure-seeker. The traveler was active; he went strenuously in search of people, of adventure, of experience. The tourist is passive; he expects interesting things to happen to him. He goes 'sight-seeing' (a word, by the way, which came in about the same time, with its first use recorded in 1847). He expects everything to be done to him and for him. (Boorstin, 1962: 85)

Na “literatura de turismo”, a distinção entre viajantes e turistas nem sempre é fácil, principalmente, porque a conotação menos positiva da palavra “turista” (associada desde o século XIX a turismo de massas e baixo nível cultural) leva a que muitos turistas se identifiquem como viajantes ou como peregrinos. Há, pois, que

considerar as várias perspetivas a partir das quais se pode analisar o turista, quando tal é feito do ponto de vista das relações que se estabelecem entre literatura e turismo, considerando: (i) as representações do turismo na literatura, o que pode passar pela verificação dos diferentes tipos de turismo representados e pelos destinos e património que lhes estão associados, (ii) as representações do turista e das suas experiências na literatura (o escritor turista/o leitor turista/o turista cultural/o relato da experiência turística do próprio ou de outrem), e (iii) o turismo literário (turistas literários / peregrinos literários / itinerários literários).

Neste ponto, é essencial referir que a “literatura de turismo” pode existir apenas como uma categoria literária “virtual” (nomeadamente a que não implica a representação de práticas turísticas e de lugares literários), ou seja, como possibilidade e não como objeto, na medida em que só se concretiza, enquanto tal, quando é materializada pelo leitor/turista que quer visitar determinado lugar referenciado num texto literário, por exemplo. De facto, só quando a relação entre o mundo da imaginação (onde o leitor estabelece as conexões entre texto e lugar/autor e lugar/personagem e lugar) e o mundo físico (os lugares geográficos para os quais os textos remetem) se concretiza, por via de uma deslocação do turista ao lugar literário, é que podemos falar de “literatura de turismo”.

Em suma: “literatura de turismo” refere-se a todos aqueles textos literários cuja associação a um espaço físico pode ter o efeito de promover a criação de um lugar literário. E o que é um lugar literário? Antes de respondermos a essa questão, distinguimos “espaço” e “lugar”, dois termos semelhantes e complementares. Sucintamente, o “lugar” constitui-se quando lhe é atribuído um sentido, ou seja, quando o espaço é dotado de valor transforma-se em lugar (Cunha, 2008: 184). Nesta medida, o lugar é sempre uma construção social e o lugar literário é aquele que tem a particularidade de a sua construção ser mediada pela literatura, por via de um “arrastar” (Rojek, 2003 [1997]: 52-74) do literário para a paisagem física. No mesmo sentido, Dieter Müller (2001) alude ao modo como a literatura assinala os lugares que, de alguma forma, estão associados aos autores e obras, referindo-se ao elemento de ligação entre literatura e lugar como “marcador”. Este “marcador” confere significado ao lugar e pode assumir diversas formas: no caso do turismo literário, a literatura desempenha um papel crucial e é um “marcador” bastante forte, uma vez que gera

consciência da existência de determinados lugares e desperta o interesse por eles pelo simples facto de os referir.

Em nosso entender, podemos distinguir dois grandes tipos de lugares literários. O primeiro inclui aqueles que foram representados em textos literários (Fawcett e Cormack, 2001: 687) – que lhes serviram de cenário ou constituíram fonte de inspiração. O segundo, e o mais popular, associa-se claramente à figura do autor. Se, no primeiro tipo, o turista literário (conceito que retomaremos adiante), motivado pelo desejo de encontrar na paisagem real aquilo que leu nas páginas de um livro, procura o produto da imaginação – específica do mundo da ficção literária – na realidade do mundo físico, no segundo tipo, procura-se, acima de tudo, um encontro com o autor. Dentro deste último grupo, encontramos figuras informadas, profundas conhecedoras das obras e dos autores que procuram nesse encontro um momento de comunhão e de proximidade do “sagrado”, os “peregrinos literários”:

The idea of literary pilgrims has existed for some time. It engenders the image of the dedicated scholar prepared to travel long distances to experience places linked with writers of prose, drama, or poetry, including the cemetery in Rome where the remains of Keats and Shelley lie or Rupert Brooke’s grave on the Greek island of Skyros. Literary pilgrims in this sense are well educated tourists, versed in the classics and with the cultural capital to appreciate and understand this form of heritage. (Herbert, 2001: 312-313).

O peregrino literário é uma figura com origens no *Grand Tour* (Urry, 2002 [1990]: 11), cuja designação se aplica a alguém que, movido por uma profunda admiração por um “autor-Deus” (Barthes, 1977: 146), percorre voluntariamente longas distâncias com o principal objetivo de experimentar, em primeira mão, uma comunhão com o autor que admira, de ver o que ele viu, sentir o que ele sentiu, estar onde viveu, onde escreveu, onde morreu, onde foi sepultado, sentar-se onde o autor se sentou, observar e tocar os seus objetos. Apropriamo-nos aqui da expressão de Roland Barthes para sublinhar o carácter devocional da viagem do peregrino literário para quem o autor é, sem dúvida, o elemento inspirador da viagem, pois é com ele que procura um encontro imaginário, num desejo de ser associado ao seu génio e de, por essa via, poder elevar-se ao nível intelectual e cultural do escritor alvo da sua admiração (v.

Dávidházi, 1998: 63).² Por contraste, o turista literário poderá ser descrito como tendo uma ligação menos sentimental e mais racional com os lugares literários. Ou seja, tal como o peregrino literário, este turista pode ser informado, revelar um conhecimento profundo do observado e viajar com a ambição de procurar, identificar e confirmar esses conhecimentos anteriores que, em última instância, contribuem para a própria construção do lugar literário, ao descodificá-lo e ao usufruí-lo³; no entanto, ao contrário do peregrino literário, dá à viagem uma maior ênfase não só no tocante à ampliação do seu capital cultural, mas do seu capital simbólico, consciente de que o consumo da literatura é em si mesmo um diferenciador de classes (v. Baudrillard, 1998 [1970]: 59) e de que entre todos os produtos à disposição do consumidor, as obras de arte legitimamente reconhecidas são as que mais positivamente distinguem os indivíduos (v. Bourdieu, 1984: 103).

Associada aos lugares literários, aos quais fizemos referência previamente – por vezes, construídos, amplificados e, até mesmo, criados e encenados para atrair os turistas, – o que os transforma em mais um dos produtos da indústria do turismo, surge a questão da “autenticidade”. Na realidade, a apropriação da cultura pelo setor do turismo resulta, frequentemente, na encenação, em maior ou menor grau, dos lugares, o que coloca em causa o seu estatuto real. Estamos a pensar, nomeadamente, nos lugares literários que são levados ao extremo artificial, como sucede com os parques temáticos construídos com base num autor ou numa obra (como, por exemplo, o *Dickens World*, em Kent, Inglaterra, ou o *Quarteirão Jorge Amado*, em Ilhéus, Brasil). Nestas situações, a reprodução de objetos “originais” (v. Benjamin, 2001 [1935]: 48-71), como sejam os elementos tangíveis que pertenceram ao autor, por exemplo, corrompem a sensação de autenticidade, uma vez que mesmo na reprodução mais perfeita está ausente a substância do objeto/obra no espaço e no tempo (*ibidem*).

² Em *The Romantic Cult of Shakespeare: Literary Reception in Anthropological Perspective*, Péter Dávidházi (1998) indica um estudo antropológico sobre as semelhanças entre o culto religioso e o culto literário, lembrando que, desde o século XVIII, os turistas viajam até Stratford-upon-Avon quer para colecionar objetos que rapidamente adquirem o valor de relíquias, quer para visitar a sepultura de Shakespeare, com quem acreditam poder ter um encontro místico neste local.

³ Não podemos, porém, afirmar que o turista literário é sempre alguém informado e com um grande capital cultural (v. Herbert, 2001: 313) O próprio turismo literário tem vindo a ser massificado ao ser associado a *best-sellers* por via da criação de múltiplos itinerários criados em torno dessas obras e das suas adaptações ao cinema.

De facto, na pós-modernidade, caracterizada pela presença do “simulacro” (v. Baudrillard, 1983), no contexto das atrações e experiências da indústria turística fará mais sentido falar da presença de “gradações de autenticidade” do que em “autenticidade”, por si só. Apesar de autores como Dean MacCannell (1989), sobrevalorizarem o valor da experiência, defendendo que os turistas persistem sobretudo na procura de experiências autênticas, a verdade é que o simulacro da lógica pós-modernista pode ter o condão de condenar os turistas à decepção. Assim, os turistas da pós-modernidade, os quais Maxine Feifer (1985) designa por “pós-turistas”, mais do que procurar objetos autênticos, carregam a expectativa de simulacro, principalmente porque já aprenderam a apreciar “the fakery, the games of simulation and the virtual imaginary” (Franklin, 2003: 9). Estes “pós-turistas” aceitam, e por vezes procuram, o *kitsch*⁴, os objetos e as representações de baixa qualidade, produzidas em massa, e apreciadas por quem não valoriza a verdade.

Tal como refere John Urry (2002 [1990]: 12), a “autenticidade” pode justificar a peregrinação ou a sacralização de lugares literários, mas não é uma razão necessária para empreender essa peregrinação ou proceder a essa sacralização, tendo em conta que os pós-turistas tiram prazer do inautêntico, pois reconhecem à partida não existir experiências turísticas autênticas, mas sim um conjunto de jogos ou textos produzidos pela indústria turística com os quais se podem entreter. George Ritzer e Allan Liska (1997 [2003]: 107) atestam as convicções de Urry e acrescentam que os turistas da pós-modernidade não reconheceriam uma “experiência autêntica” se a encontrassem (na Imagem 1, podemos ver um desses exemplos de encenação proposta pelo Turismo de Dublin: assinalando o lugar de nascimento de uma personagem como se se tratasse de alguém real).

Posto isto, nos lugares literários, mais do que “autenticidade” (uma impossibilidade em si mesma, como vimos acima), o visitante encontra nas “gradações do autêntico” um caminho para uma maior aproximação ao autor ou às personagens e cenários das obras, que ainda assim lhe permitem materializar, em algum grau, quer o sentimento quer o conhecimento. Ao assumir a autenticidade como implausível, o

⁴ De acordo com Calinescu (1987: 234), a palavra “kitsch” foi utilizada pela primeira vez no século XIX para designar as imagens de baixa qualidade vendidas como lembranças aos turistas.

turista desloca-se aos lugares literários ciente do simulacro, mas convicto de que esses lugares só existem porque foi/é real o autor dos livros que lhe estimulou a imaginação e a vontade de viajar. Neste sentido, o simulacro que é a ficção narrativa é o propulsor do turista/leitor, contribuindo para moldar não só os lugares, como o modo como o turista os vai sentir e viver.

Imagem 1: Placa que assinala o local de nascimento da personagem Leopold Bloom, de James Joyce



Fonte: <http://www.skibbereeneagle.ie/?p=38>.

É justamente este o caso do protagonista do romance *Dublinesca*, de Enrique Vila-Matas (2010): Samuel Riba. Este editor catalão aposentado, um *hikikomori* (como refere o narrador⁵) atormentado pelo seu envelhecimento, pelo desaparecimento dos bons escritores, dos leitores “dedicados” (Vila-Matas, 2010: 217) e dos editores da grande literatura, entretanto, substituídos por “seres idiotas e mal preparados” (*idem*: 243), empreende uma viagem a Dublin para “sentir” e “viver” *Ulysses*, de James Joyce, celebrar o funeral “não só pelo mundo derrubado da edição literária, mas também pelo mundo dos verdadeiros escritores e dos leitores com talento” (*idem*: 97-98), “um *requiem* pela galáxia Gutenberg, por essa galáxia hoje de fogo pálido e da qual o romance de Joyce foi um dos seus grandes momentos siderais” (*idem*: 97). Esta viagem

⁵ “Desde há dias que Riba se interessa por tudo o que gire à volta do tema dos *hikikomori*, que são autistas informáticos, jovens japoneses que, para evitar a pressão exterior, reagem com um completo retraimento social. De facto, a palavra japonesa *hikikomori* significa isolamento. [...] Riba interessa-se muito pelo tema, porque desde que deixou a editora e o álcool está a fechar-se sobre si mesmo e a converter-se, com efeito, num misantropo japonês, um *hikikomori*.” (Vila-Matas, 2010: 30)

de Riba interessa-nos, não só por tematizar a viagem, mas porque tem o potencial de mapear um conjunto de lugares literários que descreveremos no ponto 4 deste artigo.

4. Os lugares literários e o peregrino literário em *Dublinesca*

Em *Dublinesca* encontramos lugares literários que correspondem aos dois tipos referidos previamente, *i.e.*, por um lado, há os lugares que, na cidade de Dublin, serviram de cenário às personagens de *Ulysses*, como, por exemplo, o *pub* frequentado por Leopold Bloom (o protagonista desta obra de Joyce) ou o cemitério de Glasnevin (onde se realizou o funeral de Patrick “Paddy” Dignam, uma outra personagem deste romance). Por outro, os lugares associados à figura do autor – James Joyce – que transformam toda a cidade de Dublin num imenso lugar literário⁶, sendo exatamente por este motivo que Riba escolhe Dublin para realizar o funeral da literatura que, de acordo com o protagonista de *Dublinesca*, “nos nossos dias [...] [se] assemelha a uma grande empresa de urinóis.” (*idem*: 202), ou seja, perdeu a qualidade e o valor de outros tempos.

Ao viajar para Dublin, ao encontro de Joyce e de uma personagem ficcional na qual sintetiza a literatura – Leopold Bloom – (uma personagem que, tal como o narrador refere em determinado ponto da narrativa, “assenta muito bem” a Riba (*idem*: 56), pois ambos são judeus, forasteiros, estranhos e estrangeiros), Riba persiste em procurar, na ficção, um sentido para a sua vida e esse sentido passa necessariamente por confirmar aquilo que ele acredita ser real. A literatura como ele a conhece e define chegou ao fim, transformou-se na prostituta decadente de *Dublinesque*, cujo cortejo fúnebre é desenhado no poema de Philip Larkin: “The hearse is ahead, / but after there follows / a troop of streetwalkers / in wide flowered heads / Leg-of-mutton sleeves, / and ankle-length dresses” (Larkin e Burnett, 2013). O paralelismo que levou Vila-Matas a dar o mesmo título à sua obra fica aqui evidente: se a literatura é a prostituta de *Dublinesque*, Riba é o editor falhado, que nunca

⁶ Tal como mencionámos anteriormente, são estes lugares associados à figura do autor, aqueles que mais frequentemente se transformam em produtos da indústria turística. Em Dublin, esta associação aos autores (James Joyce, Jonathan Swift, Oscar Wilde, George Bernard Shaw, W.B. Yeats, Samuel Beckett, entre outros) é de tal forma estreita que, em 2010, a cidade foi classificada como “Cidade Património Mundial da Literatura” pela UNESCO.

encontrou “o autor” o que o assemelha a uma das não menos decadentes prostitutas que acompanham a morta à sua sepultura, num misto de homenagem e de antecipação do seu próprio fim.

Riba decide celebrar o funeral da literatura precisamente no dia 16 de junho (o dia em que decorre a ação de *Ulysses* e o dia em que se comemora o *Bloomsday*, em Dublin), realizando um cortejo fúnebre que percorre diversos espaços reais na cidade (os mesmos descritos por James Joyce, em *Ulysses*), opções que concorrem para o efeito de materializar o conceito abstrato de literatura ocidental em declínio e de assinalar o “último fulgor da desgraçada literatura” (*idem*: 239). Um efeito conseguido por três vias: (i) através da representação da literatura num corpo físico, já que só algo tangível é suscetível de ser enterrado, (ii) através da sinalização de uma sepultura para a literatura, *i.e.*, um espaço físico concreto no qual pode ser chorada e que, em última instância, pode ser transformado num lugar literário, e (iii) através da cristalização da literatura no corpo morto da prostituta do poema *Dublineseque*, o que transforma a literatura numa figura que se vendeu até à exaustão e a quem mais nada resta senão a morte, um pequeno cortejo fúnebre e um funeral quase secreto.

Tal como referem Daemmrigh e Daemmrigh (1987: 78), na literatura ocidental, o momento da morte é recorrentemente associado a um momento de avaliação da vida, mas, em nosso entender, também pode constituir um momento de avaliação de uma era da história e um momento de transformação/renascimento. Em *Dublineseque* este funeral da literatura é também uma ocasião para Riba analisar o seu percurso, concluindo que esta celebração se realiza não só pelo fim da “era Gutenberg” e de “tudo o que se sente falta hoje em dia” (Vila-Matas, 2010: 98), mas é também “uma cerimónia fúnebre pela sua atual condição de desempregado, de editor meio fracassado, de vergonhoso ocioso e de autista informático” (*idem*: 75).

Assim, Riba cumpre esta encenação – o funeral da literatura no dia em que se festeja uma personagem ficcional – para que, numa época em que “não resta outra coisa além de uma grande massa analfabeta criada deliberadamente pelo Poder, uma espécie de multidão amorfa que nos enterrou a todos numa mediocridade generalizada, [e em que se assiste a] uma trágica embrulhada de histórias góticas e editores porcos, culpados de um monumental equívoco.” (*idem*: 145-146, *italico no original*), haja uma possibilidade de renascer a autenticidade literária dos bons autores

e dos textos de qualidade e, deste modo, haja também uma hipótese de renascimento para os editores que, como Riba, valorizam a boa literatura e os grandes autores. Ou seja, Riba procura nesta viagem não só assinalar um fim, mas também um (re)início, acreditando que é possível “[...] nascer-se na morte.” (*idem*: 235). E, ao fazê-lo, o percurso de Riba confunde-se com o da literatura, surgindo como forma de narração de uma história que relata uma ação fundadora (de uma nova era da literatura) e, portanto, uma ação de cariz mítico (Cuddon, 1999 [1977]: 526), traduzida numa catarse que só poderia ser realizada num local profundamente associado à literatura como é a cidade de Dublin, e mediada pelo génio (agente sobrenatural) de Joyce.

Riba representa na obra todos aqueles que têm consciência da má qualidade da literatura publicada no seu tempo e que partem em busca da possibilidade de renovação:

Every period has its bias, its particular prejudice, and its psychic malaise. An epoch is like an individual; it has its own limitations of conscious outlook and therefore requires a compensatory adjustment. This is effected by the collective unconscious when a poet or seer lends expressions to the unspoken desire of his times and shows the way, by word or deed, to its fulfilment, regardless whether this blind collective need results in good or evil, in the salvation of an epoch or its destruction. (Jung, 1966: 98)

Assim, tal como os peregrinos, que viajam com a expectativa de transformação pelo contacto com o local sagrado, prontos a sacrificarem-se pela esperança de renovação e purificação (Noyd, 2007: 3), Riba sacrifica o corpo da má literatura (metaforizado na figura da prostituta do poema de Philip Larkin, como referimos previamente) e enterra-o com o intento de transformar o estado atual da literatura e, assim, conseguir ressuscitar a literatura de qualidade. À semelhança do peregrino, também Riba escolhe o destino da sua viagem em função do seu significado e do seu potencial de transição para a transformação. Deste modo, a viagem a Dublin é uma deslocação em direção a um “centro” (James Joyce) que tem a capacidade de promover “a grandeza que a ocasião exigirá” (Vila-Matas, 2010: 124). Aliás, “sem grandeza, além do mais, a paródia [da encenação do funeral] não se entenderia” (*ibidem*). Se não fosse a proximidade com Joyce, seria apenas Riba, “em Dublin, em contacto com a sedativa ordinarice do quotidiano, quer dizer, a comprar *T-shirts* nuns

grandes centros comerciais, repimpendo-se com um vulgar caril de frango numa taberna da O'Connell Street, e, enfim, levando o ritmo do prosaico." (*ibidem*), seria apenas mais um turista.

Ao procurar a explicação e lógica da vida na literatura, pois só esta é capaz de "dar forma ao caos" (Vila-Matas, 2010: 83) de modo encontrar "a lógica entre as coisas" (*ibidem*), ao ler a vida como um texto literário (Vila-Matas, 2010: 10, 57 e 107), Samuel Riba vive a vida como se de uma peregrinação literária se tratasse. Ele é o editor-peregrino literário que vive na permanente busca do autor, numa procura obsessiva que o leva a aproximar-se tanto quanto possível dos espaços dos autores que admira. Tal como nos primórdios da peregrinação literária, Riba visita as casas e a sepultura dos autores no decurso das suas várias viagens: as casas de Samuel Beckett, em Londres, e de Paul Auster, em Nova Iorque, e a sepultura de Hermann Melville, também em Nova Iorque.

Em Dublin, a afeição por Joyce aumenta a emoção de estar nos mesmos lugares nos quais o seu ídolo colocou as personagens de *Ulysses*: "[...] frente à porta do lugar, Riba emociona-se ao ver as grades de ferro. São as mesmas referidas por Joyce no sexto capítulo [o capítulo onde se descreve o funeral de Dignam]" (*idem*: 195), "Aqui mesmo, pensa, esteve o caixão de Dignam que tantas vezes imaginei quando lia *Ulysses*. Esse caixão esteve aqui um dia, nesta capela, e não parece que as coisas tenham mudado muito desde a época de Joyce. Parece tudo conservado idêntico no tempo, idêntico no livro." (*idem*: 200). Mais adiante, a mesma emoção nascida do contacto com o que surge descrito nas páginas do livro de Joyce: "Aqui mesmo. Aqui, [Bloom] ajeitou suavemente o chapéu preto no joelho esquerdo, e segurando-o pela aba, inclinou-se, há mais de um século. Mas está tudo igual. Não é emocionante?" (*idem*: 201). Na realidade, Riba, tal como outros peregrinos literários, procura viver no local – neste caso em Dublin, na Irlanda – o que leu nos livros. De resto, de acordo com Noyd (2007: 1), esta ida ao encontro de uma narrativa, esta procura de conexão com uma história é comum a todos os atos de peregrinação ("Pilgrimage can be described as a journey to a story."). Assim, o peregrino desloca-se aos lugares da primeira história/narrativa e, por essa via, transforma-se ele próprio em parte da história e em protagonista de uma nova narrativa construída sobre a original. No caso do peregrino literário Samuel Riba, a ida ao encontro da primeira narrativa surge como uma procura

do mundo literário no mundo real, sendo que nesse encontro, não obstante a expectativa e a ambição de identificar marcas do mundo ficcional na paisagem real, não deixa de estar presente uma sensação de espanto e maravilha potenciada pelo facto de se viver numa época em que, para Riba, a encenação e o simulacro são mais frequentes do que “a verdade”.

5. Considerações finais

Quando dois campos de pesquisa, *i.e.*, duas disciplinas se interseccionam, promovendo, inclusivamente, uma nova área de investigação, é frequente que a reação inicial seja de suspeição, tendo em conta que, como é sabido, a Academia tem uma forte e longa tradição de separação disciplinar. De facto, e tal como afirma Pierre Bourdieu (2004: 92), as disciplinas são espaços delimitados com estruturas bem definidas, correspondendo a campos relativamente estáveis e delimitados. Consequentemente, esta forma de organização do conhecimento poderá, num primeiro momento, contrariar a aproximação entre disciplinas. Porém, é o mesmo Pierre Bourdieu a garantir que a interseção disciplinar pode ser “útil” como plataforma de criação de ideias (*idem*: 93).

Neste sentido, acreditamos que o cruzamento interdisciplinar dos estudos literários e dos estudos em turismo potencia a desejável promoção de ideias. Para além disso, defendemos que aprender a conhecer significa também ser capaz de estabelecer pontes entre diferentes saberes (Nicolescu, 2000: 150), sendo, por esse motivo, que acreditamos que a interseção entre literatura e turismo traz possibilidades de se conhecer/interpretar o texto literário.

A propósito desta relação entre literatura e turismo, iniciámos este artigo pela distinção entre “literatura de viagens” e “literatura de turismo” e pela delimitação definitiva do *corpus* que dá forma a esta última. Se na diferenciação entre ambas se destaca a questão da oposição viajante/turista, já relativamente ao conceito de “literatura de turismo” será de sublinhar as seguintes ideias: tanto se refere ao conjunto de textos literários nos quais há representações de práticas turísticas, como a um *corpus* virtual, que só se concretiza quando o leitor-turista-peregrino atribui valor

turístico a um determinado lugar em função de um determinado texto literário ou autor.

Na terceira parte do artigo, dedicámo-nos à análise dos lugares literários e à figura do peregrino literário em *Dublinesca*. Um romance que, como vimos, tematiza o ato de viajar para um lugar, profundamente, literário, e que, para o protagonista/peregrino, adquire tonalidades de lugar sagrado, pois nele existe a capacidade de promover a transformação quer do sujeito devoto – Riba – quer do objeto da sua devoção – a literatura.

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. (1977). *Image, Music, Text* (sel. e trad. Stephen Heath). Londres: Fontana Press.
- BAUDRILLARD, J. (1983). *Simulations* (trad. Philip Beitchman, Paul Foss e Paul Patton). Nova Iorque: Semiotext(e).
- BAUDRILLARD, J. (1998 [1970]). *The Consumer Society: Myths and Structures* (trad. Chris Turner). Londres: Sage Publications.
- BENJAMIN, W. (2001 [1935]). The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction. In M. G. Durham e D. M. Kellner (Eds.), *Media and Cultural Studies Key Works* (pp. 48–71). Oxford: Blackwell.
- BOORSTIN, D. J. (1962). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. Nova Iorque: Atheneum.
- BOURDIEU, P. (1984). *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste* (trad. Richard Nice). Abingdon: Routledge Kegan & Paul.
- BOURDIEU, P. (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- [BUSBY, G. e HAMBLY, Z. \(2000\)](#). Literary Tourism and the Daphne du Maurier Festival. In P. Payton (Ed.), *Cornish Studies Eight* (pp. 197-212). Exeter: University of Exeter Press.
- BUTLER, R. (1986). Literature as an Influence in Shaping the Image of Tourist Destinations. In J. S. Marsh (Ed.), *Canadian Studies of Parks, Recreation and Tourism in Foreign Lands* (pp. 111-132). Peterborough, Canada: Trent University.
- BUTLER, R. (2000). Literary Tourism. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of Tourism* (p. 360). Abingdon: Routledge.
- CALINESCU, M. (1987). *The Faces of Modernity: Modernism, Avant-Garde, Decadence, Kitsch, Postmodernism*. Durham: Duke University Press.
- [COHEN, R. \(1986\)](#). History and Genre. *New Literary History*, 17(2), 203-218.
- CRISTÓVÃO, F. (Org.) (2002). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- CUDDON, J. A. (1999 [1977]). Myth. In *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory* (pp. 525-526). Londres: Penguin Books.
- [CULLER, J. \(1981\)](#). Semiotics of Tourism. *American Journal of Semiotics*, 1(1/2), 127-140. Doi: 10.5840/ajs198111/25
- [CUNHA, M. I. \(2008\)](#). Os Conceitos de Espaço, Lugar e Território nos Processos Analíticos da Formação dos Docentes Universitários. *Revista Educação Unisinos*, 12(3), 182-186. Doi: 10.4013/edu.2012.161.09
- DAEMMRICH, H. S. e DAEMMRICH, I. (Eds.) (1987). Death. In *Themes & Motifs in Western Literatures: A Handbook* (pp. 78-82). Tübingen: Francke.

- DÁVIDHÁZI, P. (1998). *The Romantic Cult of Shakespeare: Literary Reception in Anthropological Perspective*. Hampshire: Macmillan Press.
- [FAWCETT, C. e CORMACK, P. \(2001\)](#). Guarding Authenticity at Literary Tourism Sites. *Annals of Tourism Research*, 28(3), 686-704. Doi: 10.1016/j.annals.2012.12.003
- FEIFER, M. (1985). *Going Places*. Londres: Macmillan.
- FRANKLIN, A. (2003). *Tourism: An Introduction*. Londres: Sage Publications.
- [HENDRIX, H. \(2014\)](#). Literature and Tourism: Explorations, Reflections, and Challenges. In S. Quinteiro & R. Baleiro (Orgs.) *Lit & Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo* (pp. 19-29). Lisboa: Edições Húmus.
- [HERBERT, D. \(2001\)](#). Literary Places, Tourism and the Heritage Experience. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312-333. Doi: 10.1016/j.annals.2012.12.003
- JUNG, C. G. (1966). *Spirit in Man, Art, and Literature*. Vol. 15, *Collected Works of C.G. Jung* (G. Adler e R.F.C. Hull, Eds.). Princeton: Princeton University Press.
- LARKIN, P. e (Ed.) BURNETT, A. (2013). *The Complete Poems*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux.
- MACCANNELL, D. (1989). *The Tourist*. (2.ª ed.). Londres: Macmillan.
- MAGRIS, C. (2010 [1986]). *Danúbio*. Lisboa: Quetzal Editores.
- MEIRELES, C. (1998-99). *Cecília Meireles: Crônicas de Viagem*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- [MÜLLER, D. K. \(2001\)](#). Literally Unplanned Literary Tourism in Two Municipalities in Rural Sweden. In *New Directions in Managing Rural Tourism and Leisure: Local Impacts, Global Trends. International Conference, New Directions in Managing Rural Tourism and Leisure: Local Impacts, Global Trend*.
- [NICOLESCU, B. \(2000\)](#). A Prática da Transdisciplinaridade. In A. N. Coll, B. Nicolescu, M. E. Rosenberg, M. Random, P. Galvani e P. Paul (Orgs.) *Educação e Transdisciplinaridade* (pp. 139-152). Brasília: UNESCO.
- NOYD, J. L. (2007). *Exploring Literary Pilgrimage: Interpreting Literature at the Intersection of Story, Place, and Reader*. PhD Thesis. Cincinnati, Ohio: Union Institute & University.
- REIS, C. (2001). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina.
- RITZER, G. e LISKA, A. (2003 [1997]). 'McDisneyization' and 'Post-Tourism': Complementary Perspectives on Contemporary Tourism. In C. Rojek e J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* (pp. 96-109). Londres: Routledge.
- ROBINSON, M. e ANDERSEN, H.-C. (Eds.) (2002). *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing of Tourism*. Londres: Thomson.
- ROJEK, C. (2003 [1997]). Indexing, Dragging and the Social Construction of Tourist Sights. In C. Rojek e J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* (pp. 52-74). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- ROJEK, C. e URRY, J. (Eds.) (2003[1997]). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- [ROMANO, L. A. C. \(2013\)](#). Viagens e Viajantes: Uma Literatura de Viagens Contemporânea. *Revista Estação Literária*, 10B, 33-48.
- URRY, J. (2002 [1990]). *The Tourist Gaze*. Londres: Sage Publications.
- VILA-MATAS, E. (2010). *Dublínesca* (trad. Jorge Fallorca). Lisboa: Teorema.
- WATSON, N. J. (2006). *The Literary Tourist: Readers and Places in Romantic and Victorian Britain*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- [WTO - WORLD TOURISM ORGANISATION \(2014\)](#). Travel / Tourism. In *Understanding Tourism: Basic Glossary*.

SÍLVIA QUINTEIRO é professora coordenadora na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (ESGHT) da Universidade do Algarve, onde leciona, desde 1994. É mestre e doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É membro do Centro de Estudos Comparatistas, onde coordena o Projeto Lit & Tour: Literatura e Turismo. É autora de várias publicações nesta área, nomeadamente, *Lit & Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo* (Húmus editora), “Da cartografia do Danúbio à construção de um itinerário turístico: Uma leitura de *Danúbio* de Claudio Magris”, “O património literário e a casa popular algarvia: Uma perspetiva turístico-cultural” e “O turismo literário: Olhão sob a perspectiva de João Lúcio”. Endereço institucional: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, da Universidade do Algarve, Campus da Penha, 8005-139 Faro, Portugal.

RITA BALEIRO é professora adjunta na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, da Universidade do Algarve, onde leciona, desde 1993, na área das Línguas (Inglês para Gestão, Gestão Hoteleira e Turismo, Práticas Textuais e Cultura Portuguesa). É doutorada em Línguas, Literaturas e Culturas, especialidade de Estudos Literários, pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Cultura Norte-Americana pela mesma universidade. É membro do projeto Lit&Tour: Literatura e Turismo (FLUL). É coautora de publicações nesta área (“Da cartografia do Danúbio à construção de um itinerário turístico: Uma leitura de *Danúbio* de Claudio Magris”, “O património literário e a casa popular algarvia: Uma perspetiva turístico-cultural”) e co-organizou, com Sílvia Quinteiro, o volume *Lit&Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo*. Endereço institucional: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, Campus da Penha, 8005-139 Faro, Portugal.

Submitted: 28 July 2014.

Accepted: 28 September 2014.